CONTOS DE FADA: SUA IMPORTÂNCIA PARA EDUCAÇÃO

CARMEN APARECIDA CAMPOS PASSOS

RESUMO:

O artigo tem como objetivo demonstrar como os contos infantis estimulam nas crianças o gosto pela leitura e ao mesmo tempo favorece o desenvolvimento da aprendizagem. Por meio das histórias contadas às crianças mergulham no mundo da imaginação e por um período de tempo experimentam várias sensações e sentimentos. Os contos de fada proporcionam às crianças a oportunidade de ampliar seus conhecimentos e experiências por meio das histórias contadas, lidas, teatralizadas, inventadas, modificadas, tudo depende da forma como é apresentada a criança, é um mundo vasto de possibilidades para estimular o imaginário infantil.

PALAVRAS-CHAVE: Contos de Fada; Desenvolvimento; Aprendizagem.

ABSTRACT:

The article aims to demonstrate how children's stories stimulate children's love of reading and at the same time favor the development of learning. Through the stories told to children, they immerse themselves in the world of imagination and for a period of time they experience various sensations and feelings. Fairy tales provide children with the opportunity to expand their knowledge and experiences through stories told, read, theatricalized, invented, modified, it all depends on the way the child is presented, it is a vast world of possibilities to stimulate children's imagination.

KEY-WORDS: Fairy tales; Development; Learning

1 INTRODUÇÃO

Os contos de Fadas são instrumentos pedagógicos com potencial para o trabalho com as crianças. Além de sua linguagem ser muito atraente ao público infantil, mexe com o imaginário, de forma que num mesmo conto as crianças se sentem heróis, príncipes e princesas, e experimentam diversos tipos de sentimentos: medo, coragem e entusiasmo. No momento da história a criança mergulha na fantasia e nada mais importa senão ouvir até o final. Através de um conto a criança aprende novos conteúdos, vivencia novas experiências, adquire valores morais e éticos, além de se desenvolver no processo de construção da leitura e escrita. A contação de histórias também pode favorecer o desenvolvimento da personalidade das crianças, pois são trabalhados temas enfocando aspectos afetivos, psicológicos e cognitivos. Os contos devem estar presentes na vida das crianças desde a Educação Infantil, pois irá auxiliá-las na resolução de conflitos internos existentes, além de incentivar o gosto pela leitura.

As crianças aprendem a conviver com este tipo de material desde pequenas, através do incentivo dos professores e dos pais. A maioria gosta de ouvir os contos, de pegar e folhear os livros, e até mesmo fazer a leitura, observando as gravuras, e também gostam de recontar o que ouviram. O hábito de ouvir histórias contribui na identificação de diversos sentimentos como o bem e o mal, o certo e o errado, o bonito e o feio. A magia contida nos contos infantis é capaz de emocionar, enriquecer nossas experiências, proporcionar a superação de muitos conflitos, além de promover a alfabetização no ambiente escolar, trabalhando de forma lúdica e criativa em sala de aula. O professor tem então um ótimo recurso para utilizar em suas aulas: os contos.

Os autores que serviram de base para o estudo foram: Bruno Bettelheim, Regina Zilberman, Nelly Novaes Coelho, Fanny Abramovich, entre outros.

2. DESENVOLVIMENTO

A literatura infantil iniciou-se na Europa como afirma Regina Zilberman:

Os primeiros livros para criança foram produzidos no final do século XVII. Antes disso não se escrevia para elas, inexistia uma consideração especial para com a infância. Esta faixa etária não era percebida como um tempo diferente, nem o mundo da criança como um espaço separado. Pequenos e grandes participavam dos mesmos eventos, porém nenhum laço amoroso especial os aproximava. (ZILBERMAN, 1994, p.13).

Neste período, na Europa, os contos de fadas não eram dirigidos às crianças e nem faziam parte da Educação Burguesa. Eles eram direcionados somente às camadas populares, que na época eram exploradas devido ao feudalismo. As crianças não tinham nenhum acesso aos livros e nem às histórias contadas, elas eram vistas como adultas. Não havia distinção da fase da infância para a fase adulta.

E a ascensão da ideologia burguesa a partir do século XVIII que modifica esta situação: promovendo a distinção entre o setor privado e a vida pública, entre o mundo dos negócios e a família, provoca uma compartimentação na existência do indivíduo tanto

no âmbito horizontal, opondo casa e trabalho, como no vertical separando a infância da idade adulta e relegando aquela à condição de etapa preparatória aos compromissos futuros, promovendo a necessidade da formação pessoal de tipo profissionalizante, cognitivo e ético a pedagogia encontra um lugar destacado no contexto da configuração e transmissão da ideologia burguesa. (ZILBERMAN, 1994, p.44).

Após este período o processo de construção de novos autores começa a surgir e com eles aparecem as primeiras fontes populares, que se tornaram clássicos, Charles Perrault, os Irmãos Grimm e Andersen. As histórias dos Irmãos Grimm são impregnadas de lendas, pois eles viajaram muito para estudar a linguagem do povo e o folclore de sua terra. Os irmãos Grimm escreveram vários contos embasados na cultura popular de seu povo, como comenta Coelho (1981):

"Buscando encontrar as origens da realidade histórica nacional, os pesquisadores encontraram a fantasia, o fantástico, o místico, e, a grande literatura infantil, surge para encantar as crianças do mundo todo". (COELHO, 1981, p.22).

A partir desses contos, cada povo assimilou essas histórias, ouvindo e lendo, e transmitiu de geração em geração de maneiras diferentes. No Brasil, a literatura infantil teve início através de obras adaptadas de produções portuguesas, pois neste período o nosso país era colônia de Portugal.

De acordo com Marta Morais da Costa (2009):

A literatura surgiu com fins moralizadores, pois a criança era vista como um projeto de adulto, ou seja, ela deveria ser educada conforme os objetivos traçados pelos adultos, sem se preocupar com as capacidades e anseios próprios da infância. Mas os textos desse período não visavam apenas à Educação Infantil; eram lidos e ouvidos também por adultos, já que neles buscavam a moralização de toda a sociedade. (COSTA, 2009, p. 38).

A literatura surge então de forma oral e com sua base no folclore, nas lendas, mitos e narrativas exemplares. A partir do século XIX, quando a criança passa a ter sua valorização social, essas narrativas passam então a serem contadas para as crianças com o intuito formativo. A literatura surge devido a necessidade do homem em transmitir sua cultura de geração para geração, e então passa a ter o registro dessas histórias contadas.

Após este período, surgem novos escritores, que passam a escrever com um olhar na criança, criando livros de literatura infantil, dentre eles podemos citar: Ruth Rocha, Ana Maria Machado, Lygia Bojunga Nunes, Marina Colasanti, Bartolomeu Campos Queiroz, juntamente com outros escritores que participam deste movimento.

Diante de tantas mudanças sociais que ocorreram ao longo do tempo, a literatura passa a ter alterações, novos objetivos. Surge neste período a literatura que instrui, diverte e educa, uma leitura que leva a criança para o mundo em que ela se identifica, oportunizando às mesmas o desenvolvimento de suas capacidades intelectuais e sociais.

Segundo JESUALDO (1978):

A literatura infantil, portanto, tem a criança como principal representante, pois a representa sempre em busca de uma explicação que, mesmo quando mais lógica, é ainda mágica. Por isso, o gosto pelo mundo sobrenatural com fadas, ogros e bruxas serve como para "dar asas à imaginação": a criança serve-se do real, justamente, para penetrar em sua fantasia. (JESUALDO,1978, p. 25).

A literatura torna-se, a partir daí, uma inspiração para as crianças, que passam a desenvolver a imaginação através das histórias infantis. Esses contos favorecem a formação moral, social e literária dos pequenos leitores, estabelecendo uma relação entre a realidade e a fantasia.

A literatura infantil tem como destaque os contos de fada, que geralmente são embasados no folclore e nos mitos. Os contos geralmente representam acontecimentos humanos e sociais e reproduzem através dos personagens os valores morais e éticos. Nos contos de encantamento, no seu enredo, sempre tem fatos que necessitam de auxílio sobrenatural como varinha de condão, amuletos, entre outros. Já nos contos de fadas são de natureza espiritual, ética e existencial. Eles são providos de poderes mágicos e têm a função de auxiliar a pessoa escolhida para ficar sob sua proteção.

As crianças apresentam facilidade em entrar nesse mundo mágico, pois seu modo de entender o mundo passa, na idade tenra, pela mistura da realidade e da ficção. Ou seja, a criança está em um estágio de crescimento e vivência de novas situações de desafio. Até os sete anos, as experiências estão muito mais no terreno imaginário e do mágico do que no da razão. Por isso, muitos autores consideram a criança semelhante ao homem primitivo, com uma visão mágica da realidade.

Muitas vezes, as crianças transportam o mundo da imaginação para o real, pois ainda não tem uma experiência concreta para aquela situação. A curiosidade e a imaginação vão aguçar as suas vivências. (COSTA, 2009. p. 54).

Fanny Abramovich afirma que:

Os contos de fadas mantêm uma es-

trutura fixa. Partem de um problema vinculado à realidade que desequilibra a tranquilidade inicial. O desenvolvimento é uma busca de soluções, no plano da fantasia, com a introdução de elementos mágicos (fadas, bruxas, anões, duendes, gigantes, etc.) A restauração da ordem acontece no desfecho da narrativa, quando há volta ao real. Valendo-se desta estrutura, os autores, de um lado, demonstram que aceitam o potencial imaginativo infantil e, de outro, transmitem à criança a ideia de que ela não pode viver indefinidamente no mundo da fantasia, sendo necessário assumir o real, no momento certo. (ABRAMOVICH, 1994, p.120).

O psicanalista Bruno Bettelheim, a partir dos seus estudos alerta que:

Explicar para uma criança porque um conto de fadas é tão cativante para ela destrói, acima de tudo o encantamento da história, que depende, em grau considerável, da criança não saber absolutamente por que está maravilhada. E ao lado do confisco deste poder de encantar vai também uma perda do potencial da história em ajudar a criança a lutar por si só e denominar exclusivamente por si só o problema que fez a história estimulante para ela. As interpretações adultas, por mais corretas que sejam, roubam da criança a oportunidade de sentir que ela, por sua própria conta, através de repetidas audições e de ruminar acerca da história enfrentou com êxito uma situação difícil. Nós crescemos/encontramos sentido na vida e segurança em nós mesmos, por termos entendido e resolvido problemas pessoais por nossa conta, e não por eles nos terem sido explicados por outros. (BETTELHEIM, 1996, p. 122).

Estudos modernos sobre contos de fadas, contos populares e contos maravilhosos, mostram uma relação entre a literatura infantil e a psicanálise. Essa relação se dá devido aos sentimentos sentidos pela criança quando interage com a história, vivenciando situações que envolvem o bem e o mal, que geralmente aparecem por meio de fadas, princesas, bruxas, madrastas, mágicas, transformações e sempre termina com um final feliz. Através dessa interação com a história a criança tem a oportunidade de vivenciar emoções como raiva, tristeza, insegurança, angústia, alegria, tranquilidade, medo, irritação, entre outras. O conto ajuda a criança a construir uma visão sobre a vida, compreender uma situação inicial, evoluir para um conflito interno para depois chegar a um sucesso final, que é o seu entendimento e o seu aprendizado.

Quando a criança entra no mundo da fantasia ao ouvir ou ler um conto, ela faz transferência para a realidade. Elas se identificam com o problema do personagem e dão vazão às suas emoções, vivenciando o mundo do faz-de-conta. Os contos mantêm uma ideia de tempo e espaço distantes, "Aconteceu num reino distante...", "era uma época em que nós não conhecíamos..." e também não costuma usar nomes próprios, geralmente identifica os personagens como rei, rainha, menina, princesa ou por apelidos como Chapeuzinho Vermelho, Gata Borralheira, Gato de Botas, entre outros.

Os contos infantis, na maioria das vezes, começam de maneira simples, partindo de um problema ligado à realidade, como por exemplo: carência, pobreza, conflito entre filha e madrasta. A partir destes conflitos, as histórias se encaminham para encontrar as soluções para os problemas, surgem então os seres mágicos como as fadas, anões, bruxas malvadas. Dando continuidade, o conto termina com um final feliz.

Segundo BETTELHEIM (1996)

"Os contos apontam sempre para um desfecho feliz, mas sugerem que, para alcançá-lo, são necessárias transformações interiores". Na história de João e Maria, por exemplo, para que eles pudessem vencer a bruxa tiveram que usar de astúcia; na história da Branca de Neve após se embrenhar na floresta encontra aconchego na casa dos sete anões, Já a Bela Adormecida tem que esperar cem anos para ser feliz. As histórias sempre trazem um bom ensinamento e geralmente mostram que as crianças devem obedecer aos pais, pois caso contrário, as coisas não darão certo para elas. (BETTELHEIM, 1996, p.32).

Bruno Bettelheim (1996) afirma que:

Ainda em outros ensinamentos proporcionados por essas histórias: as dificuldades existem, mas podem ser vencidas; não se pode esperar sucesso numa primeira tentativa; precisamos estar preparados para as frustrações se quisermos ter recompensas futuras e duradouras; temos que suportar a dor e enfrentar riscos; não podemos fazer tudo sem a ajuda dos outros. O consolo vem no final: apesar dos obstáculos, o bem sempre vence. (BETTELHEIM, 1996, p.32).

Os diferentes tipos de textos como contos, fábulas e parábolas têm a função de transmitir algum tipo de valor, como por exemplo, a amizade, a fraternidade, o respeito ao próximo, enfim, ajuda a desenvolver na criança o senso de coerência e de lógica, ensina valores éticos e morais. Ensinam as crianças a lidarem com os medos, como medo do escuro, medo de injeção, medo de cachorro, medo de lobisomem, medo de ladrão, medos reais e imaginários relacionados à escola, à vida cotidiana, à igreja, enfim, aos diversos tipos de medos. As crianças aprendem a enfrentar os medos e a superá-los.

Podemos identificar este tipo de conto nos livros escritos por Ana Maria Machado em "O homem que saiu em busca do medo", e também nos livros de Marina Colasanti

“Uma ideia toda azul”, “Doze reis e a moça do labirinto de vento”.

Muitos contos também enfocam o tema amor, em todas as suas dimensões (sofrimento, encantos, possibilidades, entrega e plenitude). Um exemplo deste tipo de amor encontramos na história do “Soldadinho de Chumbo”.

Os contos de fadas também nos falam de autodescobertas conforme nos conta Fanny Abramovich:

O “Patinho feio”, conta dum patinho que desde o nascimento foi maltratado, ridicularizado, bicado, (por outros patos e galinhas) por ser feio. Rejeitado pela mãe, pelos irmãos, foge e continua sendo martirizado e desprezado, por sua feiura, por todos os que encontram em sua triste e melancólica caminhada. E foge novamente, cada vez mais assustado, nunca compreendido (inclusive pela velha com quem mora por um tempo). Fugindo de novo, atravessa um gélido e finalmente se aproxima de uma lagoa plácida, onde deslizam belos cisnes, que não só o reconhecem de imediato como um dos seus, mas ainda o elegem o mais belo e formoso dentre eles. (ABRAMOVICH, 1994, p.130)

Nesses contos infantis o importante é que os personagens descubram quem são realmente, que percebam que são capazes de conquistar todos os objetivos e de vencer todos os obstáculos, basta que acreditem no seu potencial. Assim poderão lutar contra o adversário de acordo com seus valores e com a noção de justiça.

Fanny Abramovich comenta:

Esses contos de fadas nos falam de traições, de temores, de juramentos, de sentimento de perda, de infidelidades, de carências, de abandonos, de esquecimentos... De que, às vezes, os irmãos, os familiares próximos, são maus, perversos, injustos, vingativos e que a ajuda pode chegar através de desconhecidos (raposas, rãs, velhos, fadas, duendes), de desafios terríveis que tem que ser enfrentados. (ABRAMOVICH, 1994, p.137)

Enfim, cada conto infantil traz novos ensinamentos para a criança, que serão válidos para a vida.

Atualmente, conhecemos uma grande variedade de contos infantis, escritos por inúmeros autores, que geralmente são utilizados pelas escolas de Educação Infantil e Ensino Fundamental de Anos Iniciais. As escolas se apropriam desses materiais e os professores trabalham com essas histórias na sua prática em sala de aula. São materiais riquíssimos que podem ser utilizados de diversas maneiras em sala. O professor pode desenvolver diversas atividades a partir do trabalho com um conto.

As crianças de hoje têm muito contato com essas obras literárias e aprendem desde pequenos a manusear esse tipo de material. A maioria das crianças gostam de ouvir e ler histórias e se identificam com tais histórias. Gostam também de recontar a história ouvida ou lida. Quando não estão ouvindo as histórias, estão folheando os livros para observar as gravuras fazendo também a leitura sensorial.

Os livros infantis atualmente são adaptados de acordo com a faixa etária das crianças. Os autores adaptam os assuntos, retiram ou apresentam situações apropriadas para cada idade, são retirados por exemplo, trechos mais longos e são colocadas ilustrações adequadas à idade, entre outros recursos.

Hoje em dia, pais e professores devem incentivar o gosto pela leitura. As crianças precisam ter contato com os livros em seu cotidiano. Os educadores precisam fortalecer o vínculo dos alunos com os livros de literatura, pois assim formaremos alunos críticos, letrados e bem informados. Não só proporcionar o contato da criança com o livro, mas instigá-la a ler, a querer aprender sempre mais através da leitura. É interessante também proporcionar o encontro do leitor com escritores preferidos pelos alunos. Esse encontro é um momento riquíssimo para o aluno e irá incentivá-lo ainda mais na leitura.

Segundo a BNCC (2018) é importante que o trabalho com o texto literário esteja incorporado às práticas cotidianas da sala de aula, visto tratar-se de uma forma específica de conhecimentos. [...] A literatura não é cópia do real, nem puro exercício de linguagem, tampouco mera fantasia que se asilou dos sentidos do mundo e da história dos homens. Se tomada como uma maneira particular de compor o conhecimento, é necessário reconhecer que sua relação com o real é indireta.

Não podemos esquecer que vivemos mergulhados numa cultura audiovisual, e as formas de registro se sofisticam cada dia mais. Os produtos seduzem pela aparência. O livro de literatura, dentro deste contexto, não pode perder o seu objetivo que é o de atrair cada vez mais leitores e deve ter uma boa apresentação.

Instigar a criança a ter o hábito de leitura não é uma tarefa fácil, e sim um trabalho que exige competência. O professor deve então, dentro de sua missão de ensinar, se capacitar, preparar aulas bem planejadas e criativas, escolher o livro que irá trabalhar com os alunos, que tenha qualidade na leitura, e desenvolver suas aulas visando à formação de alunos leitores, que tenham prazer em ler. Deve, portanto, procurar tornar a leitura interessante aos olhos da criança, como fonte de surpresas e descobertas.

De acordo com Marilena Chauí (1980):

Ensinar é deixar aparecer as contradições, as semelhanças, as diferenças. É trabalhar com uma pedagogia que cria condições para que isso aconteça, para as descobertas, os conflitos, o debate... Isso não se garante com uma classe organizada circularmente ou em grupos, não é essa a questão. Isso acontece na relação que se estabelece entre as pessoas. Ao professor não cabe dizer "Faça como eu", mas "Faça comigo". (CHAUI, 1980, p. 37).

É essencial ao se trabalhar com as crianças, considerar e valorizar as pessoas que os alunos são, os conhecimentos que têm, principalmente, por meio da linguagem oral. É necessário fazê-los sentir que são capazes de aprender, que podem falar, expor suas ideias e saberes. Neste processo de desenvolvimento da linguagem oral, que envolve a conversa, o ouvir histórias, o discutir, o pensar, as crianças vão aprendendo a língua e ingressando no mundo letrado.

Para Villardi (1999), ao trabalhar na superfície do texto, na sua simplificação ou naquilo que ele não é, a escola consegue desenvolver um hábito de leitura escolar e não o gosto por ela.

(...) se a leitura for vista não como um cumprimento de um dever, mas como um espaço privilegiado, a partir do qual tanto é possível refletir o mundo, quanto afastar-se dele, buscando na literatura aquilo que a vida nos nega, quer sob a perspectiva da realidade, quer sob a da fantasia. Para que isso ocorra, o hábito, por si só, não chega. Há que se desenvolver o gosto pela leitura, a fim de que possamos formar um leitor para toda a vida. (VILLARDI, 1999, p. 13)

A utilização de histórias infantis, com seus traços fantásticos e imaginativos, em atividades de contação e dramatização de histórias, pode ser uma outra forma de abordar a leitura em sala de aula e, assim, conquistar leitores, revertendo essa situação.

O trabalho com os contos de fadas, se bem explorados, têm muito a oferecer às atividades de sala de aula. O termo "Era uma vez" já mostra uma introdução mágica na história e proporciona às crianças o desenvolvimento da imaginação. As crianças entram no mundo imaginário, e passam a ter contato com seres, objetos e lugares sobrenaturais: bruxas, fadas, dragões, varinhas de condão e reinos encantados que existem fora da lógica real do tempo. Esse tipo de histórias é facilmente entendido pelas crianças, pois apresentam poucos personagens e geralmente são embaladas por temas como a generosidade e o egoísmo, a confiança e a tradição, o amor e o ódio. No final da história as boas condutas são gratificadas com recompensas, enquanto a malvadeza recebe duros castigos.

"Essas narrativas valorizam a esperteza, a iniciativa e a solidariedade, mas não explicitam nenhum julgamento. O texto objetivo e claro faz o leitor perceber suas mensagens sem grandes esforços". (ALENCAR, 2000, p. 46).

O contato da criança com esse mundo fantástico e mágico lhes permite expressar seus sentimentos e, com isso, amenizar seus conflitos internos.

Abramovich (1994) afirma que "Nas atividades de ouvir e contar histórias se descobrem palavras novas, se entra em contato com a música e com a sonoridade das frases, dos nomes. Capta-se o ritmo, a cadência do conto, fluindo como uma canção".

As histórias infantis transformam a literatura para crianças em suporte para a experimentação do mundo. Ao se trabalhar com as histórias na sala de aula, as crianças apresentam suas dúvidas em relação ao mundo em que vivem e abrem espaço para o questionamento e a reflexão. Os contos clássicos envolvem a criança e aguçam a sua sensibilidade artística, além de ajudar a equilibrar o sonho com o real. É um jogo estimulante, em que a criança sabe que o que está sendo contado não é verdade, mas finge acreditar. Essa é a magia do imaginário.

Ao ter contato com os contos infantis as crianças passam a pensar criticamente, ajuda a vivenciar novos momentos, prazerosos e valiosos para a superação de conflitos e o entendimento de muitos dos seus problemas.

Conforme discorre Abramovich, a literatura infantil, especialmente os contos de fada, que ultrapassam gerações e atravessam os continentes, mostram a força do folclore dos povos.

Os contos de fadas estão envolvidos no maravilhoso, um universo que detona a fantasia, partindo sempre duma situação real, concreta, lidando com emoções que qualquer criança já viveu... Porque se passa num lugar que é apenas esboçado, fora dos limites do tempo e do espaço, mas onde qualquer um pode caminhar... Porque as personagens são simples e colocadas em inúmeras situações diferentes, onde têm que buscar e encontrar uma resposta de importância fundamental, chamando a criança a percorrer e a achar junto uma resposta sua para o conflito. (ABRAMOVICH, 1994, p. 120).

Os contos infantis, as fábulas e as parábolas, têm como funções transmitir valores, criar e incentivar o espírito de amizade e fraternidade, desenvolver a coerência e a lógica, prevenir excesso do comportamento, reduzir tensões, humanizar, valorizar e respeitar o outro.

3. CONCLUSÃO / CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os contos infantis são fontes de riqueza, que proporcionam às crianças o desenvolvimento do senso crítico, da personalidade, da aprendizagem e do gosto pela leitura. Ao se trabalhar um conto, a criança se desenvolve no aspecto afetivo, psicológico e cognitivo. A criança se diverte e aprende ao mesmo tempo. Dessa forma, torna-se necessário que os contos estejam presentes na vida das crianças, desenvolvendo assim, uma educação de qualidade que tem como foco o desenvolvimento integral do aluno.

O hábito de contar e ouvir histórias contribui, realmente, para que as crianças aprendam a identificar diversos sentimentos como: o bem e o mal, o certo e o errado, bonito e o feio; ajudando-as a desenvolver um senso crítico que as acompanhará para o resto de suas vidas, além de desenvolverem a aprendizagem e o gosto pela leitura.

A literatura infantil influencia significativamente no desenvolvimento da aprendizagem a, proporciona ainda, o desenvolvimento da linguagem oral, e estimula o interesse em ouvir histórias e participar das mesmas. A contação de histórias é de fato um grande recurso que pode propiciar ao educando momentos de prazer e divertimento contribuindo para um aprendizado mais significativo.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. Literatura Infantil: Gostosuras e Bobices. São Paulo: Scipione, 1994.

ALENCAR, M. Quem quiser que conte outra. Educação, abr. 2000, p. 42-58.

BETTELHEIM, Bruno. A psicanálise dos contos de fadas. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

BRASIL, Ministério de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa. Brasília: Ática / Secretaria de Educação Fundamental, MEC/ SEF, 1997, V.2.

CASCUDO, Luís Câmara. Contos Tradicionais do Brasil. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

CHAUÍ, Marilena. Convite à Filosofia. São Paulo: Ática, 12ª edição, 1980.

COELHO, Nelly Novaes. A Literatura Infantil: História e análise. São Paulo: Quirón, 1981.

COSTA, Marta Morais da. Literatura Infantil. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2009.

JESUALDO. A Literatura Infantil. São Paulo: Cultrix, 1978.

VILLARDI, R. Ensinando a gostar de ler e formando leitores para a vida inteira. Editora: Rio de Janeiro, 1999.

ZILBERMAN, Regina. A Literatura Infantil na Escola. São Paulo: Global, 1994.